

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO E A EDUCAÇÃO

Adão José Peixoto (UFG)

Resumo: A fenomenologia surgiu num contexto de profundas transformações sociais, políticas e culturais, de grande produção intelectual e de difusão das ciências humanas. É época marcada pela influência da dicotomia estabelecida, de um lado, pelo racionalismo que afirmava a primazia do intelecto e, de outro, pelo empirismo que afirmava a primazia dos sentidos e pelo positivismo que acreditava que o conhecimento é neutro, objetivo e empiricamente comprovado. Com a fenomenologia, Husserl procurou superar esses reducionismos e dicotomias, resumindo dialeticamente na estrutura do fenômeno os diversos pólos: homem e mundo, sujeito e objeto, existência e significação. Husserl rejeita o naturalismo das ciências humanas, que não determina a especificidade de seu objeto, trata-o como se fosse um objeto físico, confundindo as causas exteriores de um fenômeno com a sua própria natureza; é o caso, por exemplo, da psicologia daquela época. Sua crítica endereçada às ciências humanas, em especial a psicologia, deve-se ao fato de elas assumirem como método o método das ciências da natureza e aplicá-lo sem levar em conta a sua especificidade. O objeto das ciências humanas não é o mesmo das ciências naturais. Portanto, a metodologia não pode ser a mesma. Quanto à filosofia, sua crítica demonstrou que o pensar filosófico cometia o erro de tomar como ponto de partida as concepções preestabelecidas, os conceitos já formados e não os fenômenos como eles são de fato. Demonstrou que a preocupação da filosofia deve ser com o rigor e não com a exatidão. Assim, estabeleceu a diferença entre as ciências empíricas (que trabalham com fatos) das ciências *eidéticas* ou ciências puras (que se ocupam com idealidades). A exatidão é própria das ciências empíricas, busca a abstração do tipo matemático, que possibilita chegar sem equívoco ao resultado pretendido. É um resultado calculado, comprovado, exato. As categorias básicas da fenomenologia como a atitude natural e atitude fenomenológica, a intencionalidade, *epoché* e a redução *eidética*, contribuem para a educação não compreender o homem apenas como corpo ou razão, social ou individual, razão ou emoção, sentidos ou intelecto, objetivo ou subjetivo, mas enquanto totalidade, afirmando a dimensão humana.

A fenomenologia surgiu num contexto de profundas transformações sociais, políticas e culturais, de grande produção intelectual e de difusão das ciências humanas. É época marcada pela influência da dicotomia estabelecida, de um lado, pelo racionalismo e, de outro, pelo empirismo e positivismo. O racionalismo afirmava que o conhecimento verdadeiro é o que surge do sujeito. O empirismo, por sua vez, afirmava que a fonte confiável do conhecimento é a experiência. Para o positivismo, o conhecimento verdadeiro é o conhecimento neutro, objetivo e empiricamente comprovado. Com a fenomenologia, Husserl procurou superar esses reducionismos, resumindo dialeticamente na estrutura do fenômeno os diversos pólos: homem e mundo, sujeito e objeto, existência e significação.

Esse era também um contexto de crise dos grandes sistemas filosóficos. Muitos pensadores importantes desse período ainda não haviam se firmado como referência no contexto da filosofia, oferecendo uma perspectiva gnosiológica mais segura. Quem ocupa esse vazio é a ciência.

Husserl rejeita o naturalismo das ciências humanas, que não determina a especificidade de seu objeto, trata-o como se de um objeto físico, confundindo as causas exteriores de um fenômeno com a sua própria natureza; é o caso, por exemplo, da psicologia daquela época. A esse respeito Husserl (1955, p. 77) diz o seguinte:

se a psicologia contemporânea quer ser a ciência dos fenômenos psíquicos é preciso que ela possa descrever e determinar esses fenômenos com rigor conceitual. É preciso que ela adapte a si própria, através de um trabalho metódico, os conceitos rigorosos necessários.

Foi o contato com as aulas de Brentano que possibilitou a Husserl perceber a fragilidade tanto das ciências humanas quanto da filosofia. Sua crítica endereçada às ciências humanas, em especial a psicologia, deve-se ao fato de elas assumirem como método o método das ciências da natureza e aplicá-lo sem levar em conta a sua especificidade. O objeto das ciências humanas não é o mesmo das ciências naturais. Portanto, a metodologia não pode ser a mesma. Quanto à filosofia, sua crítica demonstrou que o pensar filosófico cometia o erro de tomar como ponto de partida as concepções preestabelecidas, os conceitos já formados e não os fenômenos como eles são de fato. Por isso, a filosofia tem construído concepções abstratas, desvinculadas da realidade. Demonstrou também que a preocupação da filosofia deve ser com o rigor e não com a exatidão. Assim, estabeleceu a diferença entre as ciências empíricas (que trabalham com fatos) das ciências eidéticas ou ciências puras (que se ocupam com idealidades). A exatidão é própria das ciências empíricas, busca a abstração do tipo matemático, que possibilita chegar sem equívoco ao resultado pretendido. É um resultado calculado, comprovado, exato.

O rigor é próprio das ciências descritivas ou eidéticas. A fenomenologia enquanto ciência eidética que se ocupa da descrição das vivências, dos atos e correlatos da consciência é por natureza inexata; a sua preocupação é com o rigor, com a fidelidade ao real, superando os pré-conceitos, as aparências, o imediatismo. Essa inexatidão é proveniente da própria natureza do objeto da filosofia – o mundo humano –, que é complexo, plural e inconcluso. Em função disso, não pode ser tratado em termos de causa e efeito. O rigor exige que a realidade seja apreendida de forma crítica, superando as conclusões sem fundamentos, sem radicalidade e universalidade. É por isso que Husserl (2001, p. 25) anuncia na obra *Meditações Cartesianas*:

"vamos nos deixar guiar em meditações pela ideia de uma ciência autêntica, possuidora de fundamentos absolutamente certos, pela ideia da ciência universal".

O projeto de uma filosofia rigorosa apareceu desde a origem da filosofia. Mas foi Husserl quem conseguiu a sistematização das bases dessa filosofia: a fenomenologia. Por não ter sido o iniciador, mas o sistematizador do pensar filosófico, foi o pensador que recomeçou essa tarefa, agora com o intuito de imprimir-lhe uma orientação segura, tornando-a uma reflexão rigorosa. Esse recomeçar também significou uma superação da crise instalada no pensamento filosófico neste contexto do final do século XIX e início do século XX. A esse respeito Merleau-Ponty (1964, p. 1) afirma: "O espaço filosófico de Husserl é, com efeito, destinado em seu espírito a solucionar concomitantemente uma crise da filosofia, uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências puras".

1. O método fenomenológico

A fenomenologia surgiu num contexto de revisão de verdades tidas como cientificamente inabaláveis, num momento em que as ciências assumiam um distanciamento do homem, em que tudo era reduzido ao mundo da experiência, ao mundo empírico, realidades que podiam ser testadas, comprovadas, experimentadas; tudo reduzido a uma explicação de causa e efeito. Com a fenomenologia, Husserl propõe o caminho para fundamentação e reumanização da ciência e da filosofia, buscando captar a essência mesma das coisas, a sua especificidade. Para isso, Husserl elaborou os conceitos fundamentais da fenomenologia que apresentaremos em seguida.

a) Atitude natural e atitude fenomenológica

Husserl denominou atitude natural a concepção do senso comum e do cientificismo, a aceitação da aparência como verdadeira ou absolutização de uma teoria como algo inquestionável, uma percepção imediata, espontânea ou planejada, sem fundamentação radicalidade. Nessa atitude não há um distanciamento entre o homem e o mundo, entre o sujeito e as coisas. Para Dartigues (1973, p 27),

a atitude natural, que é tanto a do cientista como a do homem da rua, consiste em pensar que o sujeito está no mundo como algo que o contém, ou como uma coisa entre outras coisas, perdido sobre uma terra, sob um céu, entre objetos e outros seres vivos ou conscientes, e até mesmo entre ideias, que encontrou já aí" independentemente de si próprio.

As explicações originadas dessa atitude são na maioria das vezes enganadoras; são explicações ingênuas que veem o objeto como algo apenas exterior; são explicações eivadas de pré-conceitos. Segundo Husserl (1990, p. 39),

na atitude espiritual natural viramo-nos, intuitiva e intelectualmente, para as coisas que, em cada caso, nos estão dadas, se bem que de modo diverso e em diferentes espécies de ser, segundo a fonte e o grau de conhecimento.

A atitude fenomenológica rompe com a dicotomia estabelecida pelo senso comum e reestabelece a relação dialética entre o homem e o mundo, entre sujeito e objeto, entre o subjetivo e o objetivo, compreendendo a especificidade de cada um desses pólos e as suas relações intrínsecas. Nessa atitude o objeto é constituído na consciência, isto é, recebe seu sentido. Não só o mundo ou o objeto recebe essa constituição, mas também o próprio sujeito se constitui pela reflexão sobre sua própria vida irrefletida. Nessa perspectiva, a consciência não é mais uma parte do mundo, mas o lugar do seu desdobramento. O mundo agora não é mais o que dizem o que ele é, mas o que aparece à consciência. Para Husserl (1990, p. 44-45), a tarefa da atitude fenomenológica é, antes de mais nada, uma tarefa crítica, "tem de denunciar os absurdos em que, quase inevitavelmente, se envencilha a reflexão natural sobre a relação entre conhecimento, sentido do conhecimento e objeto do conhecimento".

Superamos a atitude natural e nos apropriamos da atitude fenomenológica através da intencionalidade, da *epoché* e da redução *eidética*.

b) A intencionalidade

Husserl se deparou com a crença, na sua época, de que a psicologia de orientação positivista se tornaria o fundamento das ciências, em especial das ciências humanas, e ocuparia o lugar da teoria do conhecimento, isto é, da filosofia. O contato com as aulas de Brentano suscitou em Husserl não só o gosto pela filosofia, mas também o desejo de comprovar o equívoco dessa crença.

Para Husserl (apud Chauí, 1994, p. 236), a psicologia explica através de observações e de relações causais os mecanismos físicos, psíquicos e fisiológicos que geram as sensações, as lembranças, as percepções, e os sentimentos que nos permitem interagir com o meio natural e social. A filosofia, ao contrário, investiga não o que esses mecanismos geram, mas o que eles constituem, o seu significado, a sua essência: o que é o físico, o psíquico, o comportamental. A investigação filosófica não explica fatos mentais e de comportamento, mas descreve as essências das vivências físicas e psíquicas.

Tomemos como exemplo a percepção. Ao estudar a percepção, a preocupação do psicólogo era a de entender os fatos externos observáveis, chamados de estímulos (calor, cor, luz, forma...), e os fatos internos indiretamente observáveis, denominados respostas. O fato perceptível é dividido em estímulos externos e internos (o que ocorre no sistema nervoso e no cérebro) e em respostas internas e externas (as operações realizadas pelo sistema nervoso e o ato sensorial de sentir ou perceber alguma coisa).

Ao estudar a percepção, o filósofo tem outra intenção. Seu ponto de partida é a pergunta "o que é a percepção?", uma postura filosófica, diferente do propósito do psicólogo, que parte da pergunta "como acontece uma percepção?", revelando uma postura científica.

Para a filosofia, a questão fundamental é "o que é a percepção?", segundo a qual a percepção é entendida como o modo de a consciência relacionar-se com o mundo exterior mediado pelo nosso corpo; o modo como a consciência relaciona-se com as coisas enquanto realidades qualitativas (forma, cor, luz, bela, feia, agradável...). Esses dois modos de relação da consciência mostram que a percepção é uma *vivência*; mostram também que essa vivência é uma forma de conhecimento, que possui uma estrutura:

há o ato perceber (pela consciência) e há o correlato percebido (a coisa externa); a característica principal do percebido é a de oferecer-se por faces, por perfis ou perspectivas, como algo interminável, que nossos sentidos nunca podem apanhar de uma só vez e de modo total. (Chauí, 1994, p. 15)

Isto posto, podemos dizer que a percepção, ou mais especificamente a essência da percepção, é uma vivência da consciência, um ato cujo correlato são qualidades percebidas por intermédio de nosso corpo. É um modo de nos relacionarmos com as coisas, com o mundo; é um modo de manifestação, por exemplo, da vivência imaginativa, da vivência reflexiva etc.

É importante também ressaltar que a consciência de que fala o filósofo não é a mesma de que fala o psicólogo.

Para o filósofo a consciência é o sujeito do conhecimento, ou sujeito transcendental, como atividade universal, como estrutura necessária do saber. O poder dessa consciência, a consciência reflexiva, é o de constituir as essências ou significações. A consciência não é um fato observável como imaginavam os empiristas e os positivistas, nem é uma substância pensante ou alma, uma entidade espiritual, como imaginava a metafísica. A consciência é o ato de significação das coisas. Estas, por sua vez, são os correlatos da consciência, aquilo que é visado por ela e através dela é que recebe sentido. Sendo puro ato, a consciência é uma

forma. Por isso é sempre consciência de, é *intencionalidade*, o ato de visar as coisas, ato de dar-lhes significação. Nesse sentido,

perceber é o ato intencional da consciência, o percebido é o seu correlato intencional e a percepção é a unidade interna e necessária entre o ato e o correlato, entre o perceber e o percebido. É por esse motivo que, conhecendo a estrutura intencional ou a essência da consciência, se pode conhecer a essência da percepção (ou da imaginação, da memória, da reflexão, etc.) (Chauí, 1994, p. 237)

Esse conceito, intencionalidade, é um dos principais conceitos da fenomenologia. Intencionalidade (*intentio*) é, para Husserl, “consciência de alguma coisa”, consciência dirigida par um objeto. Da mesma forma, o objeto só pode ser entendido em sua relação com a consciência. Donde temos que ele é sempre objeto para um sujeito. Isto não significa que o objeto está presente na consciência, mas que a sua essência é sempre uma visada de significação. Sem essa intencionalidade, essa visada, não se poderia falar de objeto e nem de sua essência. Então podemos dizer que, se o objeto é sempre objeto para uma consciência, ele nunca será um objeto em si, mas objeto pensado, imaginado, tematizado. Fora dessa relação não existe nem consciência, nem objeto e nem conhecimento verdadeiro. Temos, assim, a *nóesis*, a atividade da consciência, e *noema*, o objeto dessa atividade: “a consciência é constituída por atos (*nóesis*) que visam algum componente desse mundo (*noema*)” (Husserl, 2001, p. 16). Aqui a consciência aparece como que estendendo-separa fora de si própria, direcionada para o objeto e este como se referindo aos atos da consciência. É por isso que Husserl (1950, p. 300) afirma que “no sujeito há mais que o sujeito, explicamos: mais que *cogitatio* ou noése; há o objeto mesmo enquanto visado, o *cogitatum* enquanto é puramente para o sujeito, ou seja, constituído por sua relação ao fluxo subjetivo da vivência”.

A consciência enquanto intencionalidade é o ato de expandir-se para o mundo e de apreendê-lo nos atos vivenciais e de abraçar seus próprios atos. Afirmar o mundo ou dizer que todo objeto é intencionalizado não significa que,

dessa forma, todo estado de consciência em geral é, em si mesmo, consciência de alguma coisa, qualquer que seja a existência real desse objeto e seja qual for a abstençãoque ele faça, na atitude transcendental que é minha, da posição dessa existência e de todos os atos da atitude natural. [...]. A palavra intencionalidade não significa nada mais que essa potencialidade fundamental e geral que a consciência tem de ser consciência de alguma coisa, de conter, em sua qualidade de cogito, seu *cogitatum* em si mesmo. (Husserl, 2001, p. 25)

A intencionalidade não é sinônimo de ação proposital, mas como movimento de estender-se, de abarcar alguma coisa; é o movimento da consciência de expandir-se para o

mundo e de abarcá-lo nos atos vivenciais e de abarcar esses próprios atos reflexivamente; é o movimento que possibilita imprimir lucidez às coisas.

Quando dizemos que o objeto é intencionalizado não dizemos que ele é produzido pela consciência, mas que ele não existe em si, separado, isolado da consciência; ele é sempre objeto abarcado pela consciência.

A atitude ingênua, pré-filosófica, é a atitude que considera apenas os objetos, que ignora o sujeito pensante; é também a atitude que leva em conta só o sujeito, esquecendo da relação de reciprocidade; essa é a atitude natural, aquela que não é educadora fenomenologicamente, que não assume a atitude fenomenológica.

O termo intencionalidade (*intentio*) foi usado pela escolástica medieval para explicar que a vontade e o intelecto tendem para um fim. É o movimento de passagem da potência ao ato, do estado da imperfeição (próprio da vontade e do intelecto) para a perfeição (a contemplação de Deus).

Franz Brentano utiliza o termo intencionalidade no plano psíquico. Ao rejeitar a redução dos fenômenos psíquicos a fenômenos físicos, próprio da psicologia positivista, estabeleceu entre eles uma clara distinção, ressaltando a especificidade de cada um. Brentano circunscreve a intencionalidade ao plano psíquico quando define os fenômenos psíquicos como os que contêm intencionalmente um objeto.

Husserl, influenciado pelo pensamento de Brentano, optou pela referência intencional a um objeto, mas, por outro lado, abandonou a expressão "fenômenos psíquicos", sistematizando, assim, uma conceituação própria.

A tarefa da fenomenologia é, como vimos, a de analisar as vivências intencionais da consciência para aprender as essências dos fenômenos, os seus significados, os seus sentidos. Com isso, a intencionalidade estabelece um novo sentido para a relação entre o sujeito e o mundo, entre pensamento e a ação, entre subjetividade e a objetividade. Com esse conceito, a fenomenologia supera a dicotomia estabelecida pelo racionalismo e pelo empirismo, assim como demonstra o equívoco da psicologia de pretender assumir o lugar da teoria do conhecimento.

c) A *epoché*

A *epoché* é uma palavra grega que significa suspensão, colocação entre parêntese. Para a fenomenologia, a *epoché*; ou redução fenomenológica consiste em deixar de lado todos os nossos pré-conceitos, numa suspensão provisória das nossas convicções, dos nossos conhecimentos preestabelecidos, dos nossos julgamentos, para apreendermos as "coisas em

si", no seu estado originário, "estado primitivo" (Husserl, 2001, p. 52), sem a interferência de qualquer teoria. Quando suspendemos os nossos valores e julgamentos no processo de apreensão do objeto estudado, evitamos que as ideias pré-formadas influenciem no entendimento, na compreensão.

Essa atitude não significa uma negação do mundo, do objeto, do fenômeno; significa, isto sim, uma afirmação da realidade como ela é e não como dizem que ela é. Husserl faz questão de esclarecer isso, ao se referir ao mundo, afirmando: "não nego esse mundo, como se fosse um sofista; não coloco sua existência em dúvida, como se fosse cético; mas efetuo a *epoché* 'fenomenológica' que me impede todo juízo relativo à existência espaço-temporal (Husserl, 1950, p, 102).

A *epoché* propõe ir-à-coisa-mesma, o que significa não assumir concepções prévias, deixar que o fenômeno se mostre como é de fato; é a colocação do mundo entre parêntese, quando o exclui do campo valorativo; quando substitui o mundo julgado, pensado, avaliado, pelo mundo em seu estado bruto, antipredicativo. Quando assim se procede, não é mais o mundo que aparece, mas o seu sentido, a sua essência.

Através da *epochése* pretende atingir a evidência apodítica, isto é, a verdade, o conhecimento livre dos pré-conceitos, dos reducionismos cientificistas e alcançar a atitude fenomenológica.

Para apreendermos toda a riqueza do fenômeno, toda sua complexidade, multiplicidade, seus perfis, é necessário desvencilharmo-nos das posições secundárias, das crenças e predicados que lhe atribuímos.

A *epoché* é o meio que nos possibilita o acesso à verdade, a realidade como ela é, sem a imposição do que "eu penso", ou do que "pensam as teorias", sem conclusões apressadas. A redução fenomenológica significa a transformação de todo o dado em fenômeno; significa a revelação das essências das coisas.

Como o objetivo da fenomenologia é alcançar a essência das coisas, isto só é possível se tivermos acesso ao fenômeno como ele é. Para que isso ocorra, é necessária a suspensão temporária dos preconceitos, pré-juízos, pré-noções que os envolvem. Com esse procedimento metodológico é possível alcançar o ainda não-dito, o ainda não-tematizado, a condição mesma antipredicativa do fenômeno.

O que Husserl propõe com a *epoché* é ir-à-coisa-mesma; é não cair na especulação vazia. É buscar a compreensão da gênese, do sentido, da essência, da *arché*, do fundamento do fenômeno. Ao negar os pré-conceitos como guia, a fenomenologia está rompendo com o

instituído e afirmando a necessidade de se investir na busca do instituinte originário; está afirmando uma atitude rigorosa e radical, que possibilita ir à raiz do fenômeno.

d) Redução *eidética*

A redução eidética é a fase da descrição dos dados considerados significativos. Nessa fase a consciência se volta para a própria coisa e não para as suas interpretações já formuladas. É a descrição das vivências da consciência, dos seus atos e correlatos. O objetivo que se propõe nessa etapa é descrever a essência ou a estrutura do fenômeno. Para isso, o itinerário é "ir-à-coisa-mesma", revelar o seu estado primitivo, estado antipredicativo, é tomar como guia a *epoché*.

A descrição fenomenológica é, segundo o próprio Husserl, (2000, p. 28), uma metodologia totalmente nova, uma metodologia que entra em ação em toda a parte onde objeto e sentido, questões de ser, de possibilidades, de origem e de legitimação se devem abordar com seriedade.

Pela redução eidética temos contato com o conteúdo dos dados originários do fenômeno. Com esse procedimento, Husserl quer mostrar-nos que a fenomenologia visa descrever as coisas e não a sua explicação; visa relatar o conteúdo do mundo anterior a qualquer explicação; é uma descrição do irrefletido, do mundo vivido, do estado antipredicativo do real; é o desvelamento do mundo enquanto tal, como ele é de fato, sem as medições teóricas; é a busca do fundamento rigoroso para todo e qualquer saber que se pretende universal.

É pela redução eidética que é possível efetuar a mudança da coisa-em-si para o sentido-da-coisa-em-si. Com essa redução é possível suprimir a atitude natural e colocar a descoberto o ser da coisa e não o seu aparecer. Segundo Giles (1989, p. 65), "é pela redução eidética que somos convidados a passar da facticidade contingente do objeto a seu conteúdo inteligível".

Concluindo, podemos dizer que Husserl estabeleceu uma base segura para a filosofia e para as ciências humanas, livre de pressuposições e calcada no estado bruto da realidade. Procurou ser fiel aos dados da realidade, condição fundamental para uma postura ética e humanizadora.

A fenomenologia proposta por Husserl é uma filosofia, um método e também um estilo de vida intelectual, aberto para a vida, para a significação das coisas, para valorização do humano, da ética e do diálogo.

Husserl deixou uma contribuição para a humanidade comparada aos grandes da tradução filosófica. A sua preocupação com a verdade, com o rigor, com a gênese, com o sentido, com a universalidade do saber coloca a fenomenologia como um dos principais referenciais filosóficos.

O mundo da vida é o mundo da experiência intersubjetiva. É o mundo sensível-percebido, mundo histórico-vivido: "é o mundo histórico-cultural concreto, sedimentado em usos e costumes, saberes e valores, entre os quais se encontra a imagem do mundo elaborada pelas ciências" (Zilles, 2002, p. 49). Trata-se do mundo pleno de valores em que a ciência circunscreve a natureza.

Husserl propõe que a investigação científica e filosófica se volte para o mundo da vida em toda a sua complexidade. Para isso, Husserl mostra a necessidade de desenvolver uma ideia ampliada de cientificidade que não recusa a complexidade do mundo da vida, mas parte dela para compreender o estabelecimento do objetivismo e para superá-lo.

2. Contribuições da fenomenologia para a educação

Em que sentido a crítica de Husserl ao objetivismo e ao naturalismo das ciências contribui para ressignificar a educação? Como as categorias da intencionalidade, da *epoché*, da redução *eidética*, da atitude natural e fenomenológica e o *lebenswelt* contribuem para a educação? Enfim, quais as contribuições da fenomenologia para a educação? São essas reflexões que procuraremos apresentar a seguir.

Vimos que a fenomenologia é uma crítica radical ao racionalismo, ao empirismo e ao positivismo, os quais compreendem a realidade de forma dicotômica, separando sujeito e objeto, consciência e mundo, razão e sentido. Ela recusa essas perspectivas que fragmentam a realidade e a reduzem a um dos seus aspectos. Para a fenomenologia, não é nos pólos, mas no entre, na mediação, que devemos buscar o sentido das coisas, mesmo porque o homem é ser-no-mundo. Por tal razão podemos afirmar que

o mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece 'subjetivo', já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito (Merleau-Ponty, 1989, p. 576).

A educação, da perspectiva fenomenológica, não compreende o homem apenas como corpo ou ramo, social ou individual, ramo ou emoção, sentidos ou intelecto, objetivo ou subjetivo, mas enquanto totalidade, valorizando todas as suas dimensões: corporais, intelectivas, sociais, emotivas, imaginativas. É uma concepção que aponta para a necessidade

de uma educação integral, que se preocupa com a formação teórica, política ética, estética, corporal e profissional. Além de se opor à fragmentação da realidade, a fenomenologia opõe-se também à pretensão de objetivação e naturalização, instituídas pelo empirismo e pelo positivismo, que apreendem, por exemplo, a educação como coisa, fato, objeto, situando-a no plano do previsível, do pré-visto, do quantificável, da instrumentalidade, reduzindo-se com isso, ao estabelecimento de objetivos, metas, planejamento, quantidade e produtividade. Diferentemente dessa concepção, a fenomenologia percebe a educação como expressão humana e, portanto, do imprevisto, do inacabamento, da criação, da subjetividade, da crítica, da busca do sentido.

Do ponto de vista fenomenológico, a educação é intencionalidade, abertura às múltiplas dimensões do real; ao mundo humano, mundo do trabalho, do lazer, da arte, da ciência, da família, da religião, da política, da cultura, "lugar da experiência existencial na forma da cultura" (Rezende, 1990, p. 59); à liberdade, que não é algo que vem de fora, mas atributo do ser mesmo da consciência, possibilidade de transcender o mundo, de contrapor-se aos determinismos, de dizer não ao instituído, ao pragmático, à naturalização da realidade histórico-social; à criação, capacidade de inventividade, de geração do novo; é recusa da atividade pedagógica reduzida à ritualização da obediência, do silêncio, da ordem, do repasse de conteúdos sem a mediação com o mundo, da ausência de reflexão crítica; é, enfim, abertura para a autonomia intelectual e humana. Assim, educar é estabelecer mediações, buscar a verdade e compreender o seu sentido; é eliminar as dicotomias, os determinismos e as acomodações; é acreditar nas possibilidades do educando para que ele supere seus limites; é plantar esperanças, sonhos e utopias, já que "o utópico é o desejo do que falta" (Rezende, 1990, p. 81).

A educação enquanto intencionalidade rompe com a ideia de que a consciência do educando é um nada, um vazio, objeto de depósito, vasilha, recipiente a ser preenchido com os conteúdos escolares, as informações, as imagens, os valores, as normas, que transforma a educação, segundo Freire (1975), em um "ato de depositar em que os educandos são depositários e o educador o depositante" (p. 66); afirma, ao contrário, o

ser da consciência que é sua intencionalidade [...] Identifica-se com o próprio da consciência que é sempre ser consciência de, não apenas quando intenciona a objetos mas também quando se volta sobre si mesma em que consciência é consciência de si mesma (p. 77).

Aepoqué possibilita importantes contribuições para a educação. Primeiro, porque nos educa para suspendermos os preconceitos, o já dito, as teorias, para apreendermos a realidade

como ela é e não como as teorizações a definem. Isso significa que o ponto de partida da atividade pedagógica não deve ser os conteúdos escolares, mas a realidade histórico-social, as relações homem-mundo e homens-homens. Os dados da realidade não estão isolados do homem, assim como o homem não existe isolado deles: "não estão aí, num certo espaço, como coisas petrificadas, estio sendo. São tão históricos quanto os homens" (Freire, 1975, p. 17). Basear-se nas coisas mesmas é a possibilidade de apreendê-las em seu estado originário, antepredicativo, o ainda não tematizado e entendê-las como são de fato. Os conteúdos escolares são importantes, mas enquanto mediações para essa compreensão. O que a fenomenologia propõe com a *epoqué* é a fidelidade ao que se manifesta e não ao que já foi dito. É a preocupação com o rigor, com a busca da verdade e o abandono das conclusões apressadas. Mesmo que o objeto estudado seja, por exemplo, um texto, o ponto de partida deve ser o próprio texto e não o que já disseram sobre ele. É a preocupação com a fidelidade daquilo que está dito pelo texto.

Outra contribuição da *epoqué*, quando propõe a suspensão dos preconceitos, é compreendermos as pessoas como elas são e não tendo como fundamento nossas idealizações ou aquilo que os outros dizem. Isso é muito importante na relação professor-aluno, pois se o professor se "arma" contra o aluno considerando-o que ouviu sobre ele, não possibilita a si próprio conhecer quem o aluno é de fato.

A redução *eidética*, que é a descrição daquilo que se manifesta à consciência, apresenta uma relevante contribuição para a educação, nos ensina a estabelecermos a primazia do pré-reflexivo sobre o reflexivo, da existência sobre a essência, do rigor sobre a superficialidade; a distinguir o que realmente é significativo, a recuperar.

a natureza e a identidade do real, do psíquico, da existência e do fazer humanos, da educação, da escola, das teorias e da prática, do saber, do ensinar, do aprender, do tempo próprio da pesquisa, do ensino e da aprendizagem, 'des-velando' seu verdadeiro sentido (Coelho, 1999, p. 90-91).

Ao propor a descrição do que se manifesta à consciência, a *epoqué* propõe a volta "às coisas mesmas", ao estado originário, ir além do que as teorias ou fontes secundárias dizem sem ter como referência a realidade ou texto em questão. Essa atitude contribui para superação das conclusões simplistas tão comuns no meio acadêmico. Para Rezende (1990),

a atitude descritiva e o discurso a ela correspondente decorrem da 'volta às coisas mesmas' para redescobri-las num encontro original, anterior a todas as informações fornecidas pelas fontes secundárias e que, por isso mesmo, devem ser postas entre parênteses (p. 18).

O *lebenswelt* ensina-nos a tomarmos o mundo da vida, que é o mundo da existência humana, como referência da prática pedagógica. E o mundo humano é o mundo fenomenal que "apresenta um sentido que transparece na interseção das experiências tanto individuais como coletivas, e na inter-relação que se estabelece entre os diversos lugares dessa mesma experiência (Rezende, 1990, p. 40); é o "retorno às coisas mesmas", ao mundo irrefletido. Assim, a fenomenologia ao propor "a volta às próprias coisas e ao mundo vivido, uma reflexão radical, pretende estabelecer uma crítica dos fundamentos" (Rezende, 1990, p. 66) da ciência que têm negado o humano. Isso significa colocar o homem e sua promoção como preocupação fundamental da atividade pedagógica. Com o *lebenswelt*, a preocupação da educação não será com a quantidade de conhecimento a ser memorizada, mas com a tematização e compreensão do mundo mediados pelos conhecimentos das diversas áreas do saber.

A intencionalidade, a *epoché*, a redução *eidética* e o *lebenswelt* contribuem para a superação da atitude natural e para a ascensão à atitude fenomenológica. A atitude natural na educação é a do senso comum, expressa na banalização do saber, na falta de rigor, no preconceito, no dogmatismo, na aparência, no acessório, no particular, na falta de criatividade, na superficialidade da atividade pedagógica. A atitude fenomenológica enquanto ação orientadora da atividade pedagógica é a do cultivo do rigor, da radicalidade; é a busca do mundo vivido, da evidência, do verdadeiro, do universal. A atitude fenomenológica é a recusa do pensar e do fazer que

fragmentam e descrevem a realidade, os fenômenos humanos, os processos e, portanto, também a educação, a escola, a universidade, o ensino e a aprendizagem, como se as partes e aspectos existissem em si e por si mesmos enquanto peças em aulas de anatomia. Não pensa o homem como mero corpo ou espírito, indivíduo ou ser social, mas o apreende enquanto totalidade, valorizando o corpo, a inteligência, a imaginação, a emoção, o desejo, enfim, todas as dimensões de sua existência (Coelho, 1999, p. 88).

Conclusão

A fenomenologia instiga-nos a assumirmos uma tarefa de ressignificação da atividade educativa; estimula-nos a encarar o fenômeno educativo "como uma estrutura reunindo dialeticamente na intencionalidade o homem e o mundo, o sujeito e o objeto, a existência e a significação" (Rezende, 1990, p. 34-35). Essa provocação que é, na verdade, um desafio, propõe a "volta às próprias coisas", a redescoberta do mundo vivido que é "condição radical para o nascimento da filosofia, e mesmo das ciências" (Rezende, 1990, p. 36) e dentre estas a educação, como formas autênticas da expressão cultural.

Para a fenomenologia, todas as formas de educação devem ser entendidas como aprendizagens humanas, o que significa que se trata "de aprender de maneira humana a ser homens para existirmos como tais" (Rezende, 1990, p. 50). Sendo o fenômeno, em especial, o fenômeno da educação, existencialização de sentidos, "ao considerarmos a educação como um fenômeno, devemos começar por reconhecer que se trata de uma experiência profundamente humana" (Rezende, 1990, p. 46). Enquanto experiência humana, a educação é aprendizagem da cultura:

considerando a educação como aprendizagem da cultura, percebemos a importância cultural do ensino-aprendizagem. Reconhecemos que a aprendizagem diz diretamente respeito à cultura, isto é, àquilo que por seu intermédio acrescenta-se à natureza. Pela aprendizagem, somos do âmbito da hominização para adentrar na esfera da humanização propriamente dita (Rezende, 1990, p. 71).

Para a fenomenologia, a educação como processo de afirmação do compromisso acadêmico, político, ético e humano deve ser processo de afirmação da liberdade e da construção da essência de cada um. Neste sentido, educação é afirmação da humanização.

Referências

- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.
- COÊLHO, I. M. Fenomenologia e educação. In: BICUDO, M. A. V.; CAPPELLETTI, I. F. (Orgs.). *Fenomenologia: uma visão abrangente da educação*. São Paulo: Olho D'água, 1999.
- DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989.
- HUSSERL, E. *La philosophie comme science rigoureuse*. Paris: PUF, 1955.
- _____. *Idées directives pour une phénoménologie*. Paris: Gallimard, 1950.
- _____. *Méditations cartésiennes*. São Paulo: Hiedra, 2001.
- _____. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- _____. *Conferências de Paris*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- MERLEAU-PONTY, M. *Les sciences de et la phénoménologie*. Paris: Gallimard, 1964.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

REZENDE, A. M. de. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990.

ZILLES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. In: HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Introdução e tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.